



ANALISTAS POLÍTICOS TÊM CRITICADO A FALTA DE OPINIÕES DISCORDANTES, NOS DEBATES DOS CANDIDATOS, NESTE PLEITO DE 2010.



CLÁUDIO ABRAMO, DA TRANSPARÊNCIA BRASIL, DISSE QUE “(...) NÃO HÁ O QUE COMENTAR SOBRE A CAMPANHA POLÍTICA, PORQUE NESTA CAMPANHA NÃO HÁ POLÍTICA”.



CLÓVIS ROSSI TAMBÉM FALOU DA FALTA DE CORAGEM E DE EXPRESSÃO NOS DEBATES ENTRE CANDIDATOS.



MÔNICA BERGAMO ESCREVEU QUE “(...) O PT JÁ ARTICULA A FORMAÇÃO DE UM NOVO PARTIDO QUE APOIARIA DILMA ROUSSEFF NO CASO DE ELA GANHAR AS ELEIÇÕES”.



**NÃO HÁ POLÍTICA** Na sociedade midiática e tecnológica, as palavras parecem estar perdendo seu significado, as ideias estão ficando frágeis e a política está pasteurizando o discurso. Não é à toa que os analistas políticos têm criticado a falta de opiniões discordantes, nos debates dos candidatos, neste pleito de 2010. Cláudio Abramo, da Transparência Brasil, escreveu sobre este fato na Folha de S. Paulo. Na sua visão, “(...) as eleições deste ano estão sendo acompanhadas de um fenômeno que parece inédito no país. Não existem opiniões discordantes entre aqueles que, habitualmente, comentam o pleito nos veículos de comunicação. Todos, ou quase todos, têm dito a mesma coisa: não há o que comentar sobre a campanha política, porque nesta campanha não há política”.

**NÃO HÁ DEBATE** Clóvis Rossi, jornalista da Folha de S. Paulo, também falou da falta de coragem e de expressão nos debates entre candidatos. Para Rossi, “(...) a maneira amarrada como se dão os debates impede que cada candidato se mostre por inteiro e diga, por inteiro, qual é a sua posição sobre cada um dos temas (...) existe uma camisa de força nas regras que imperam nos debates eleitorais. Regras, é bom ter claro, impostas por seus próprios assessores, que parecem temer que seus assessorados sejam incapazes de saírem ilesos de um debate, embora estejam, supostamente, preparados para algo bem mais difícil, que é encarar os problemas do país, de um Estado ou de uma cidade”.

**NÃO HÁ PALAVRAS** Na mesma linha de raciocínio, mas sob o prisma da literatura, o também jornalista e professor da UnB, Sérgio de Sá, acabou de lançar o livro “A Reinvenção do Escritor”. Ele nos alerta que a mídia ocupou o papel que antes pertencia à literatura. Não que ele acredite que a imagem tenha acabado com a palavra, contudo, ele entende que “(...) a força dos media numa sociedade desprevenida como a brasileira é imensa (...) a palavra se isola ainda mais, porque grande parcela da população sequer chegou a conhecê-la”. Segundo Sérgio Sá, mesmo assim, o escritor não pode abandonar a ideia de se comunicar com o público, mas também não deve aderir completamente aos desígnios da mídia.

**NÃO HÁ IDEIAS** A visão política de Cláudio Abramo nos alerta: “(...) o pouco que distingue os candidatos são detalhes gerenciais (...) devido à pasteurização generalizada praticada pelos políti-

cos, em outubro o eleitor brasileiro elegerá o equivalente ao gerente de um armário ou coisa assim (...) o noticiário mostra a mesma coisa”.

**VISÃO PASTEURIZADA** Contardo Caligaris, em seu artigo do último dia 19 de agosto, analisa: “(...) hoje, cada vez mais, mesmo quando parecemos discordar, pensamos todos as mesmas trivialidades”. Caligaris diz ainda que “(...) mundo afora, é cada vez mais difícil dizer algo que não faça parte de um senso comum que é feito de referências, ideias e, sobretudo, maneiras de pensar compartilhadas graças ao uso generalizado da mesma mídia”. Para Contardo, esta visão pasteurizada do mundo está expressa na política brasileira de tal maneira que “(...) o debate eleitoral em curso poderia também servir para mostrar que nosso senso comum compartilhado é, no caso, uma espécie de razoabilidade, resignada a evitar temas excessivamente conflitivos e a aceitar alianças duvidosas e supostamente “necessárias”.

**UM PARTIDO DE APOIO?** Na esteira desta cultura sem contrastes começam a nascer ideias hegemônicas e perigosas. Segundo Mônica Bergamo, em sua coluna do dia 24 de agosto, “(...) o PT já articula a formação de um novo partido que apoiaria Dilma Rousseff no caso de ela ganhar as eleições. A legenda abrigaria parlamentares do PSDB, do PPS e até do DEM dispostos a fazer a transição lenta, gradual e segura rumo aos braços da governista. Já há conversas entabuladas (...) para que a nova agremiação tenha sucesso, será preciso mudar a lei, que impede que um parlamentar eleito por um partido troque de legenda – hoje, se isso ocorre, o político perde o mandato”.

**ESTADO HEGEMÔNICO** Este projeto, claramente apresentado ao público, já havia sido motivo de comentário da jornalista, Renata La Prete, que, em sua coluna do dia 19 de agosto, chamou atenção para o fato de Dilma Rousseff haver comentado que o presidente Lula “prometeu” se dedicar à construção do ambiente para uma reforma política, a ser feita, possivelmente, por meio de Constituinte exclusiva. La Prete diz ainda que “(...) no governo, ouve-se falar que Lula funcionaria como uma espécie de “articulador político informal”. Diante de tantos alinhamentos de ideias, é bom estar alerta! Será que a hegemonia de pensamento vai nos levar à hegemonia do Estado, no estilo Gramsci?